

## **DEMOCRACIA, OPÇÃO MILITAR**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 08.09.1981

Os jornais vêm publicando uma série de entrevistas de comandantes militares em que as manifestações a favor da democracia são muito claras, se não enfáticas.

Excepcionalmente vemos uma entrevista no velho estilo falando em segurança nacional, ameaça comunistas, guerra revolucionária. Mas esse jargão autoritário é cada vez menos freqüente. A tônica agora é em democracia, liberdade, representatividade. A entrevista recentemente concedida pelo comandante da Escola Superior de Guerra, general Alzir Benjamin Chaloub, foi a esse respeito exemplar. Ele nos disse, muito diretamente, que a legitimidade do governo a partir da representatividade popular é fundamental hoje para o Brasil.

Diante dessas declarações muitas pessoas se perguntam: afinal o que os militares efetivamente desejam?. Será mesmo a democracia? Minha resposta a esta pergunta é muito simples. Estou seguro de que hoje a grande maioria dos militares deseja efetiva e sinceramente a democracia. Para eles sua missão já foi cumprida. Ou as potencialidades da intervenção militar já se esgotaram. Está na hora de voltar para os quartéis. Chegou o momento de devolver aos civis e a sociedade civil a condução política do País.

Mas não seriam os militares essencialmente autoritários? De forma alguma. Não são “essencialmente” autoritários, nem “essencialmente” democratas, aliás, como a burguesia também não o é. Enquanto membros da alta tecnoburocracia, aliada à grande burguesia eles tendem a ser autoritário em um País como o Brasil, em que as camadas médias burguesas e tecnoburocráticas e as instituições democráticas que as acompanham só agora começam a se consolidar. Mas se as circunstâncias indicam que chegou a hora da abertura, os militares são perfeitamente capazes de compreender esse fato.

É claro que entre eles continuam a existir os autoritários, que sonham perpetuar-se no poder em nome da “segurança nacional”, do “Brasil potência“, e de seus próprios interesses. Mas hoje constituem a minoria.

A última façanha desse grupo foi o episódio do Riocentro. Os militares democráticos aceitaram a solução encontrada em nome da unidade das Forças Armadas, mas é claro que ficaram indignados. Terrorismo a partir do próprio aparelho militar é algo inadmissível para eles. E esse episódio foi a gota d’água que faltava para que a opção democrática fosse definitivamente tomada.

O regime autoritário deixou de ser interessante não apenas para a burguesia, mas também para os militares. Não apenas porque, diante da crise econômica e política que o País enfrenta uma nova ditadura não apresenta nenhuma perspectiva de solução, mas também porque o retorno ao autoritarismo ou mesmo a meia permanência nesse regime semi-autoritário em que hoje nos encontramos constitui uma ameaça grave às Forças Armadas, ao seu prestígio e à sua unidade. Inclusive porque dessa forma os militares acabam sendo responsabilizados por uma situação sobre a qual já não têm mais controle efetivo.

Por todas essas razões as declarações democráticas dos comandantes militares não são mera retórica. São sinceras. A opção pela democracia afinal é também militar.(08/09)